

BILIONÁRIOS DE DREAMLAND



*Oferta final*  
PARA O AMOR

LAUREN ASHER



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

*Oferta final*

PARA O AMOR

LAUREN ASHER

TRADUÇÃO:  
GUILHERME MIRANDA

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Lauren Asher, 2022.  
Os direitos morais da autora foram garantidos.  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024  
Copyright da tradução © Guilherme Miranda, 2024  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Final Offer*

Coordenação editorial: Algo Novo Editorial  
Preparação: Wélida Muniz  
Revisão: Barbara Parente e Ligia Alves  
Projeto gráfico: Beatriz Borges  
Diagramação: Anna Yue e Francisco Lavorini  
Adaptação de capa: Renata Spolidoro  
Capa: Books and Moods  
Imagens de miolo: David Maier/Unsplash, Shutterstock e Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Asher, Lauren  
Oferta final / Lauren Asher ; tradução de Guilherme Miranda. -  
São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.  
496 p. : il  
ISBN 978-85-422-2691-1  
Título original: Final Offer

I. Ficção norte-americana I. Título II. Miranda, Guilherme

24-1449

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:  
I. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar  
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



## CAPÍTULO UM

*Alana*



Se eu soubesse que morreria hoje, teria usado uma calcinha mais sexy. Ou, pelo menos, teria vestido algo mais bonito do que um pijama des combinado cheio de furos e manchas de alvejante.

Minha mãe deve estar me repreendendo lá do céu agora, se perguntando onde errou na minha criação.

*Perdóname, Mami. Debería haberle escuchado.*

Faço um rápido sinal da cruz antes de apontar a pistola para a sombra parada à porta. Meu coração bate violentamente no peito, o intervalo entre os batimentos fica menor a cada segundo.

— Vou contar até cinco para você sair da minha casa antes que eu atire. Um... dois...

— Merda. — Algo pesado bate na parede antes de um interruptor se acender, iluminando a entrada da casa.

Minha mão segura a arma com mais firmeza quando me vejo cara a cara com a pessoa que pensei que nunca mais veria de novo. Nossos olhares se encontram. Seus olhos azuis traçam os contornos de meu rosto como uma carícia invisível, fazendo uma onda de calor passar meu corpo.

Apesar do alarme berrando na minha cabeça, alertando-me para fugir dele, não consigo resistir a admirar o um metro e noventa e três de Callahan Kane. Tudo nele é familiar, até a dor em meu peito que nunca foi embora, mesmo depois que ele se foi.

O sorriso descontraído.

O cabelo loiro-escuro desgrenhado, sempre despenteado e implorando para ser domado.

Os olhos azuis da cor do céu mais claro, brilhando como a superfície do lago sob o sol do meio-dia.

Faz seis anos que não o vejo. Seis longos anos que me fizeram criar uma casca grossa o suficiente para saber o que está por trás de seu charme.

*Uma armadilha.*

Se olhar com atenção, consigo ver as rachaduras em sua fachada que ele tenta esconder atrás de sua beleza e charme. Ele sempre tomou cuidado para não deixar as pessoas olharem de perto o bastante para ver a pessoa destruída que há por trás da máscara. Foi o que chamou minha atenção a princípio, e o que resultou em minha derrocada.

Eu tinha vinte e três anos quando ele partiu meu coração, mas sinto como se a dor tivesse acontecido ontem. Em vez de ignorá-la, pego a mágoa e a uso para alimentar minha raiva.

— O que é que você está fazendo aqui? — ataco.

Seu sorriso vacila antes de voltar ao lugar.

— Feliz em me ver?

Faço sinal com a mão livre para ele se aproximar.

— Animadíssima. Por que não chega mais perto para eu ter uma mira melhor? Odiaria errar um órgão importante.

Seus olhos se voltam de meu rosto para a arma em minha mão.

— Você lá sabe usar essa coisa?

Meus olhos se estreitam.

— Está a fim de descobrir?

— De onde você tirou isso?

— Um presente da minha mãe. — Meu peito se aperta.

Suas sobranceiras se erguem.

— A *señora* Castillo comprou uma arma para você? Por quê?

Abaixo a arma e encaixo a trava de segurança.

— Ela sempre dizia que uma mulher precisava ser duas coisas: armada e perigosa.

Seu queixo cai.

— Pensei que ela estivesse brincando sobre ter uma arma para nos manter na linha.

— Nem todos cresceram num bairrinho rico e seguro de Chicago com babás indo e vindo e uma equipe de empregados.

— Dá para dizer o mesmo de quem nasceu numa cidadezinha de veraneio onde o policial pode ser comprado com uma bebida e uma nota de cem.

Fecho a cara.

— Fique você sabendo que o xerife Hank se aposentou oficialmente no ano passado.

— Uma pena para todos os delinquentes juvenis. — Seu sorriso brilhante se alarga.

Borboletas levantam voo em minha barriga. Pela maneira como meu estômago revira, é como se milhares delas estivessem acordando depois de passar os últimos seis anos em seus casulos.

*Ele partiu seu coração. Não se esqueça disso.*

Os músculos em meus ombros ficam mais tensos.

— Pretende explicar por que está invadindo a minha casa ou vai ficar parado aí a noite toda?

— Sua casa? — Ele franze a testa. — Acho que você está enganada. Meu avô pode ter deixado sua família ficar aqui porque sua mãe cuidava da propriedade, mas você não é a dona.

Minha mãe não *apenas* cuidava da casa Kane, ela a amava como se fosse sua desde que foi contratada por Brady Kane para administrar a propriedade e ajudar a cuidar dos netos dele.

*Mas ele deixou a propriedade para você, não para ela.*

Meu coração dispara.

— Segundo a escritura da casa de seu avô, sou sim.

O corpo dele fica tenso.

— O que você quer dizer?

— Isso é entre mim e ele.

— Como não posso exatamente pedir para ele explicar, porque está a sete palmos de terra e tudo mais, vou precisar que você elabore.

A dor acima do meu peito se intensifica.

— Ele disse que esta propriedade é minha e que tenho o direito de atirar em quem quer que questione isso.

Ele cruza os braços, atraindo meus olhos para os músculos fortes sob a camisa.

— Agora eu sei que você está mentindo. Meu avô sempre odiou armas.

— Então como você explica a coleçãozinha dele lá no sótão?

Ele coça o queixo.

— Que coleção?

Inclino a cabeça.

— Vai ver você não conhecia seu avô tão bem quanto pensa.

— Ah, e você conhecia? — Sua risada sai condescendente.

Ergo o queixo.

— Ele passou todos os verões aqui até o acidente, então, sim, acho que o conhecia melhor do que a pessoa que nem se dava ao trabalho de ligar para ele no aniversário.

Ele desvia o olhar.

— Eu e ele não estávamos nos falando antes do coma dele.

— Por que será? — Sarcasmo cobre minha voz.

Ele coça a nuca.

— Cometi muitos erros na última vez em que estive aqui.

— Tipo ficar comigo?

O músculo em seu maxilar se contrai.

— Eu não deveria ter corrido atrás de você daquele jeito.

Sinto como se Cal tivesse passado uma faca serrilhada em meu peito, mas meu rosto permanece desprovido de emoção, uma habilidade aperfeiçoada ao longo dos anos.

— Não, não deveria. — Meus dedos apertam a coronha da arma.

— Eu me arrependo de estragar nossa amizade.

A faca invisível se torce, cravando-se mais fundo em minha carne.

— Não foi o relacionamento que destruiu nossa amizade. Foram seus vícios.

Anestésicos. Álcool. *Sexo*. Cal usava tudo para escapar dos demônios em sua cabeça, e eu estava estupidamente apaixonada demais para enxergar isso.

*Você não pode se culpar por ele ser um mestre em esconder os fatos.*

Mas ainda tenho dificuldade para acreditar nas palavras que digo a mim mesma. Minha garganta se fecha pelos anos de emoções reprimidas, ficando difícil engolir.

Seu maxilar se cerra, e sua estrutura óssea bem desenhada se destaca ainda mais.

— acredite ou não, não dirigi até aqui para brigar com você por causa do nosso passado.

— Então por que exatamente você veio? — Das centenas de perguntas que quero fazer a ele, essa é a que parece mais segura.

— Vim para dar uma olhada na casa.

— Depois de seis anos? Por quê?

— Porque pretendo vendê-la.

Pisco duas vezes.

— Não. De jeito nenhum.

— Lana... — Ele usar meu antigo apelido faz meu coração morto soltar uma faísca de reconhecimento.

*Não é de admirar ele ter te achado tão fácil na última vez. Bastou um apelidinho bobo para você baixar a guarda.*

— Não me chame assim. — Mostro os dentes.

— *Alana* — ele se corrige, com a testa franzida. — Não sei o que o meu avô falou para você, mas você deve ter entendido mal.

— Certo. Claro, você parte do princípio de que *eu* devo ter entendido mal.

Seus olhos se estreitam.

— Agora você só está sendo difícil.

— Em vez de quê? Ingênua e idiota como na última vez?

Ele ignora meu rompante e continua:

— Podemos esclarecer isso com bastante facilidade. Cadê a escritura? Paro e considero os contras de ceder a seu pedido.

*Quanto antes você mostrar a escritura para ele, antes ele vai embora.*

— Vou buscar. — Eu me dirijo à escada e lanço a ele um olhar por sobre o ombro. — Não saia daí.

— E correr o risco de dar motivo para você atirar em mim? Estou de boa.

Minha resposta fica na ponta da língua, mas me contenho. Esse é o lance de Cal. Basta ele lançar uma piada ou abrir um sorriso para fazer qualquer pessoa esquecer que está brava com ele. É seu maior superpoder e minha kryptonita particular.

*Você está mais preparada agora.*

Pelo menos, *torço* para estar.

Subo a escada correndo e guardo a pistola no cofre antes de procurar a escritura entre meus documentos. Levo apenas um minuto para encontrá-la enfiada entre outros com assuntos jurídicos importantes.

Cal olha minhas mãos enquanto desço a escada.

— Nenhuma arma desta vez?

Dou de ombros.

— Conheço cinco formas diferentes de matar um homem com minhas próprias mãos, então nem preciso dela.

Sua pele dourada fica pálida.



— Por favor, diga que você está brincando.

Bem que eu queria. Certo verão, minha mãe me mandou para a Colômbia para visitar meu tio, e ele não fazia ideia de como me entreter além de me fazer trabalhar em sua fazenda e me ensinar artes marciais mistas. Voltei um mês depois com uma faixa preta em surrar pessoas e habilidades de sobrevivência suficientes para competir num daqueles *reality shows* de vida na selva.

Coloco a escritura no aparador perto da porta e aponto para a assinatura de Brady.

— Pronto. Como eu disse.

Cal para a meu lado enquanto examina a escritura. Ele toma cuidado para manter distância enquanto lê, mas, quando passa o peso de um pé para o outro, nossos braços se roçam sem querer. Uma corrente de energia perpassa meu corpo. Ele é rápido ao colocar os braços atrás das costas, embora o efeito prolongado de seu toque permaneça. Faz seis anos, mas meu corpo reage como se esse homem tivesse ido embora ontem.

Minha testa se franze ainda mais.

Cal abana a cabeça depois de ler a página inteira.

— Desculpa, mas qualquer escritura que ele tenha te dado está desatualizada. — Ele aponta para a data ao lado da assinatura de Brady. — Isso foi assinado antes de o testamento ser atualizado.

— Que testamento?

— O que ele reescreveu antes do acidente.

Sinto como se Cal tivesse colocado as mãos em volta de minha garganta e a apertado.

*Não. Não é possível.*

— Vou ligar para o advogado dele agora para esclarecermos tudo.  
— Sigo na direção da escada, desesperada para subir e olhar o telefone.

Cal olha o relógio chique dele.

— É quase meia-noite. Duvido que Leo atenda uma ligação a essa hora.  
Xingo baixinho.

Ele coloca as mãos no bolso.

— Vou falar com ele de manhã para podermos resolver isso antes de o corretor passar por aqui.

— Que corretor?

— O que contratei para me ajudar a vender a casa.

— Exatamente que parte de “Não vou vender minha casa” você não está entendendo?

— O fato de que você está se referindo à casa como se fosse sua.

Meus dedos se curvam, fechando os dois punhos com firmeza para não apertar o pescoço grosso dele.

Seus olhos se voltam para os meus punhos cerrados antes de seguirem para o meu rosto.

— Acho que, até recebermos uma explicação válida do advogado, precisamos adiar essa discussão. Está tarde e não estamos chegando a lugar nenhum. — A porta da frente range quando ele a abre.

— Espere. — Estendo a mão. — Me dá a sua chave.

Ele me ignora enquanto puxa sua bagagem para dentro.

— Não vou a lugar nenhum.

— Bom, aqui é que você não vai ficar — balbucio.

— Aonde você espera que eu vá?

— O hotel perto da Main Street deve ter um quarto vago, além de Wi-Fi e TV em cores a essa altura.

Seus lábios se entreabrem.

— Você não pode estar falando sério. Pegaram um assassino em série lá uma vez.

Reviro os olhos.

— Ele não chegou a cometer nenhum assassinato no estabelecimento.

— Ah, isso torna tudo melhor, então.

— Mamãe, quem é esse? — Camila grita do alto da escada. Seus olhos azuis arregalados dão uma olhada em Cal antes de se voltarem para os meus.

Sem pensar, faço sinal para ela voltar para o quarto.

— Ninguém importante. Volte para a cama, por favor.

Os olhos de Cal se voltam de Cami para mim.

— Puta que pariu, quem é essa e por que ela está te chamando de *mamãe*?

— Não fale palavrão na frente da minha filha. — Meu sussurro sai mais como um chiado.

— Filha? Quantos anos ela tem? — Cal tropeça nos próprios pés na tentativa de se afastar de mim, mas não demora para recuperar o equilíbrio.

— Cinco! — Cami ergue a mão como se estivesse esperando que alguém desse um toquinho nela.

Toda a cor se esvai do rosto de Cal enquanto ele leva a mão à parede.

— Cinco. Isso é... Ela é... Nós...

— Não é... — Minha resposta é interrompida quando seus olhos se reviram.

As pernas dele cedem, e todo o seu corpo cai para a frente.

— Merda! — Estendo as mãos para pegá-lo.

Nossos braços e pernas se entrelaçam enquanto caímos. Perco o ar quando caio no assoalho duro de madeira. A cabeça de Cal bate em meu estômago, o que dói mais do que o esperado, mas suaviza sua queda. Não consigo segurar a cabeça dele antes que ela role do meu colo e bata no chão. Cal nem se crispa enquanto fica caído no chão, completamente inconsciente.

— Cacete. Isso vai doer. — Puxo seu corpo inerte de volta para mim antes de colocar a cabeça dele em meu colo.

— Aaah. Mamãe vai ter que pôr dinheiro no pote do palavrão.

Tenho a impressão de que o pote do palavrão vai ser a menor de minhas preocupações agora que Callahan Kane voltou para minha vida com um sorriso fatal e um grande problema.